

Patrícia Sammarco Rosa\*

## A QUESTÃO DA RECIDIVA ASSOCIADA A RESISTÊNCIA MEDICAMENTOSA EM HANSENÍASE

Quando falamos em resistência a drogas em hanseníase temos que nos lembrarmos de que a resistência é um dos fatores que podem ser relacionados como causas de recidivas em pessoa afetadas pela hanseníase. Os dados estatísticos têm mostrado que nos últimos anos as taxas de recidiva em hanseníase no Brasil tem se mantido ao redor de 4%<sup>4</sup>. Considerando todas as formas de entrada de casos no sistema nacional de informação, esta taxa não é tão alta, o que mostra a eficácia do esquema multidrogas (PQT).

Nossa experiência na avaliação de casos com suspeita de recidiva associada à resistência a uma ou mais drogas do esquema PQT utilizando a técnica de inoculação experimental em camundongos, mostra que somente uma pequena porcentagem de casos é investigada anualmente. Dentre os mais de 1000 casos notificados como recidivas, no Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL) avaliamos cerca de 30 amostras anualmente, o que podemos considerar um número muito pequeno para refletir a real situação da resistência no país<sup>1</sup>. Além disso, muitos dos casos que nos chegam com suspeita de resistência vem acompanhados de dados inconsistentes, o que nos leva a questionar se são realmente casos de recidiva, conforme os critérios estabelecidos pelas normas do Ministério da Saúde.

Hoje, portanto, esta porcentagem inclui casos que ao término do tratamento ainda apresentavam lesões ativas e/ou bacilos íntegros, os quais poderiam ter sido submetidos à repetição do esquema terapêutico (mais 12 doses de PQT/MB); casos erroneamente classificados como paucibacilares os quais deveriam ter recebido esquema PQT/MB; entre outros.

Rosa PS. A questão da recidiva associada à resistência medicamentosa em hanseníase. *Hansen Int.* 2011; 36(1), p. 7-8

Dada a cronicidade da doença, a avaliação de recidivas é complexa. Que dirá avaliação de resistência medicamentosa. Como estudar casos de persistência bacilar? Casos que completaram o esquema terapêutico, mas de forma irregular? É possível que na verdade estes casos de recidiva sejam na verdade casos que se reinfectaram? O que sabemos sobre resistência primária?

Quando a PQT foi introduzida no país, tínhamos um número limitado de ferramentas para controle de eficácia terapêutica e transmissão. Além das técnicas convencionalmente utilizadas como apoio diagnóstico, como baciloscopia e histopatologia, podemos associar técnicas que nos dão resultados mais sensíveis e rápidos, apesar de mais caros, como o realtime PCR para quantificar bacilos presentes em lesões, sequenciamento de DNA bacilar para verificar a presença de mutações associadas à resistência a drogas, e estudar o genótipos das bactérias presentes em lesões e assim relacioná-los a padrões de transmissão<sup>2,3</sup>.

Os relatos de resistência em hanseníase no mundo não são muito diferentes do Brasil, em porcentagem de casos de resistência identificados dentre as recidivas.

\* Graduada em Medicina Veterinária, Doutora em Doenças Tropicais pela Faculdade de Medicina de UNESP – Botucatu. Pesquisadora Científica V, Instituto Lauro de Souza Lima.

Deste modo, as taxas mostram que a resistência não é um problema de grande magnitude no país hoje. Entretanto, o número de casos novos de hanseníase diagnosticados tem baixado lentamente e há ainda no Brasil áreas consideradas hiperendêmicas. A presença de bacilos resistentes sendo transmitidos nestas áreas poderia dificultar o controle da doença.

Sabemos que existem áreas desfavorecidas geograficamente para encaminhamento de pacientes, e mesmo de amostras biológicas. No entanto, faz-se necessário pensar em estratégias para melhor avaliar as causas de recidiva no país e identificar prontamente casos de resistência. Desta forma evitaremos que este se torne um problema de maior importância para o país.

## REFERÊNCIAS

- 1 Diório SM, Rosa PS, Belone AFF, Sartori BGC, Trino LM, Baptista IMFD et al. Recidivas associadas à resistência a drogas na hanseníase. *Hansen Int.* 2009;34(1):37-42.
- 2 Jensen RW, Rivest J, Li W, Vissa V. DNA fingerprinting of *Mycobacterium leprae* strains using variable number tandem repeat (VNTR) - fragment length analysis (FLA). *J Vis Exp.* 2011 Jul 15;(53):e3104.
- 3 Li W, Matsuoka M, Kai M, Thapa P, Khadge S, Hagge DA, Brennan PJ, Vissa V. Real-Time PCR and High-Resolution Melt Analysis for Rapid Detection of *Mycobacterium leprae* Drug Resistance Mutations and Strain Types. *J Clin Microbiol.* 2012 Mar;50(3):742-53.
- 4 Penna GO. Hanseníase: da eliminação ao controle: avanços e desafios [aula]. Ministério da Saúde; 2010 [citado 2011 mar 30]. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/hanseníase\\_desafios\\_br\\_gerson\\_penna.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/hanseníase_desafios_br_gerson_penna.pdf)